

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-DOCTORADO EM FILOSOFIA

Danjone Regina Meira (Candidata)

Ser e ente a partir da quadratura no pensamento de Martin Heidegger.

Projeto de pós-doutorado em filosofia submetido, indicação do supervisor que acompanhará as atividades de pesquisa: Prof. Dr. Victor Knoll, ao Programa de Pós-doutorado em Filosofia da Universidade de São Paulo.

São Paulo

2021

I. RESUMO

Este estudo busca dedicar-se a interface entre “ser”, “ente” e “quadratura”¹ apresentada nas obras da fase a partir da virada (ocorrida em meados da década de 30) no caminho filosófico de Martin Heidegger. Nesse sentido, apresentar-se-á como bibliografia fundamental, especialmente, a obra-prima “Ser e Tempo” (*Sein und Zeit*, 1927) e os escritos “Sobre a essência da verdade” (*Vom Wesen der Wahrheit*, 1933/34), “A origem da obra de arte” (*Der Ursprung der Kunstwerkes*, 1935-36), “Hölderlin e a essência da poesia” (*Hölderlin und das Wesen der Dichtung*, 1934), “Que é uma coisa? Doutrina de Kant dos princípios transcendentais (Die Frage nach dem Ding. Zu Kants Lehre von den transzendentalen Grundsätzen, 1935), “A linguagem” (*Die Sprache*, 1950), “A coisa” (*Das Ding*, 1951), “Poeticamente o homem habita” (“...*dichterisch wohnt der Mensch...*”, 1951) e “Construir, habitar e pensar” (*Bauen, Wohnen, Denken*, 1951). É importante ressaltar que o objetivo primordial neste projeto é o estudo da questão específica de como Heidegger entende a relação do “ser” e do “ente” na unidade da quadratura: terra, céu, divinos e mortais. Nesse contexto, tem-se também em consideração como o ente privilegiado “Dasein” é entendido na unidade da quadratura sob a perspectiva ontológica seguida por Heidegger em sua fase a partir da virada, que instaura o pensar sobre o “ser” e o “ente”, especialmente, em sua relação com a “poesia” (*Dichtung*). Isso pode ser observado de maneira singular quando o filósofo em “A origem da obra de arte” define que a origem da obra de arte é “poesia” (*Dichtung*), ou, ainda anos depois, em “A coisa”, em que Heidegger ao considerar poeticamente o ente diz que ele dá-se na unidade da quadratura: terra, céu, divinos e mortais e, finalmente, em “Poeticamente o homem habita” quando Heidegger resalta que o “Dasein” habita poeticamente. Por um viés metodológico, busca-se realizar o estudo em três aspectos, tendo em vista em cada um desses aspectos o objetivo de investigar a interface “ser” e “ente” na unidade da quadratura segundo Martin Heidegger especificamente nas obras da fase específica do seu pensamento. Desse modo os aspectos do estudo se subdividirão assim: 1. O “ser” e o ente visto na unidade da quadratura em “A coisa” e escritos relevantes; 2. O “Dasein”

¹ Quadratura refere-se ao termo alemão “Geviert” apresentado por Heidegger a fim de indicar a unidade essencial dos quatro campos: terra, céu, divinos e mortais. Heidegger irá tratar, especialmente, sobre a quadratura nos escritos “A coisa”, “A linguagem” e em “Poeticamente o homem habita”, no entanto, alguns campos de tal unidade já se destacam, de modo especial, no escrito “A origem da obra de arte”, quando o pensador alemão resalta que a verdade do “ser” acontece poeticamente como disputa entre terra e mundo na obra de arte.

entendido na unidade da quadratura e determinado como projeto existencial poético em “Hölderlin e a essência da poesia” e “Poeticamente o homem habita” e outras obras relevantes; e 3. O “ser” e o ente em unidade na quadratura é entendido no âmbito da interface entre o ontológico, o poético e a existência. O que se busca, desse modo, é apresentar uma análise das características centrais das obras supramencionadas de Heidegger com o propósito que se entenda como esta relação do “ser” e do ente na unidade da quadratura requer também uma análise que tem em vista a consideração do ontológico, do poético e da existência em Heidegger.

Palavras-chave: “ser”, ente, quadratura, ontológico, poético.

II. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A pesquisa aqui apresentada tem como propósito realizar uma análise hermenêutica acerca da questão de como se relaciona a noção de “ser”², “ente” e “quadratura” no caminho hermenêutico-fenomenológico trilhado por Martin Heidegger a partir da virada no seu pensamento, tendo como horizonte a “pergunta pelo ser” (*Seinsfrage*). Nessa perspectiva, é relevante mencionarmos que ao se considerar o caminhar de Heidegger vemos que a fenomenologia, de modo crucial, pode ser compreendida como um fazer ver o sentido do “ser”. Mas de que modo e como se dá isso? A fenomenologia é anunciada como método fenomenológico da investigação ontológica acerca da pergunta primordial da filosofia (a pergunta pelo “ser”) logo no início da obra-prima “Ser e tempo” (*Sein und Zeit*, 1927). Conforme Heidegger destaca no parágrafo

² No pensamento de Martin Heidegger surge o termo alemão “Sein” que é traduzido para a língua vernácula como “ser”. Tal termo destaca-se desde a sua obra-prima “Ser e Tempo” (1927) como de grande importância no caminhar ontológico do filósofo. Refere-se, especificamente, ao “ser” em geral em sua diferença ontológica com o ente. Nesse sentido, optamos por apresentá-lo entre aspas na pesquisa de pós-doutorado em filosofia, especificamente, quando formos indicar enfatizar o “ser” em geral no pensamento heideggeriano. Nessa perspectiva, Heidegger pode ser reconhecido como o pensador da verdade do “ser” visto que, ele instaura a repetição da pergunta pelo “ser”, destacando tal pergunta enquanto a pergunta primordial do pensamento essencial. Vale ressaltar, que após a virada no pensamento de Heidegger, ocorrida em meados dos anos 30, o filósofo passará a apresentar o termo “Seyn” que também pode ser traduzido para a língua vernácula como “ser”. Em “Ser e Tempo” aparece a pergunta pelo sentido do “ser”, mas logo depois, o filósofo passará a empregar o termo “verdade” no lugar de “sentido”, ressaltando, assim, a pergunta pela verdade do “ser” e o acontecer da verdade. O filósofo alemão Martin Heidegger pode ser reconhecido como o pensador do “ser”, visto que, de modo relevante na história da filosofia, especialmente, a partir de sua obra-prima “Ser e tempo” (1927), a preocupação fundamental do pensamento heideggeriano é a instauração da principal pergunta da filosofia: a pergunta pelo “ser”, que se encontraria esquecida na história do pensamento ocidental. O filósofo, então, a partir da virada realizada após “Ser e Tempo”, busca pensar essencialmente sobre o “ser” e o seu desvelar na história, reconhecendo tal questão como a tarefa do pensamento.

sétimo de “Ser e tempo”: “a fenomenologia do *Dasein* é uma *hermenêutica* na significação originária da palavra, que designa a tarefa da interpretação”³. Se em Heidegger a ontologia é fenomenologia, ela somente o é hermeneuticamente, “no sentido da elaboração das condições da possibilidade de toda investigação ontológica”⁴. Poder-se-ia, nesse sentido, enfatizar que a perspectiva ontológica está presente no caminho filosófico de Heidegger a partir da virada, ocorrida em meados da década de 30, pois, segundo se pode observar das obras do pensador, a análise da pergunta pelo “ser” enquanto tarefa do pensamento é fundamental para se perguntar também pela essência do ente e entendê-lo na unidade da quadratura (terra, céu, divinos e mortais), superando assim a perspectiva da metafísica tradicional que não pergunta essencialmente nem pelo ser do ente e, tampouco institui a pergunta pela verdade do “ser”.

Nesse contexto, em 1935-1936, Heidegger, ao longo de sua intensa trajetória filosófica, trazia ao público um livro excepcional, “A origem da obra de arte”, que, além de abordar sobre a maneira apropriada de se perguntar pela origem da obra de arte, trataria também sobre a perspectiva original do perguntar sobre a essência.

Eis o que disse Heidegger no início do escrito: “originário significa aqui aquilo a partir de onde e através do que algo é o que ele é e como ele é. A isto o que algo é, como ele é, chamamos de sua essência”⁵. Desse modo, vemos, especialmente, a partir da década de 30, que o definir a origem de algo para Heidegger dá-se na e pela ultrapassagem da metafísica tradicional e, sobretudo, observamos que a questão sobre a essência de algo remete originariamente a questão do “ser”, porque somente se pode perguntar pela essência de um ente ao se considerar a pergunta primordial: a pergunta pela verdade do “ser”. Pensar sobre a origem da obra de arte traz a luz o pensar sobre a origem e, conforme o pensador do “ser”: “o originário de algo é a proveniência de sua essência”⁶. Nessa perspectiva, buscamos refletir que o pensamento cada vez mais essencial de Heidegger apresentado, especialmente, a partir da década de 30, ao pensar a interface “ser” e ente considera a questão da origem⁷. Assim, ao retomar a questão da origem se observa a

³ HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p.127.

⁴ HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p.127.

⁵ HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel António de Castro. – São Paulo: Edições 70, 2010, p.35.

⁶ HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel António de Castro. – São Paulo: Edições 70, 2010, p.35.

⁷ Com isso, observa-se que o aspecto hermenêutico-fenomenológico inaugurado em “Ser e tempo” (Sein und Zeit, 1927) para a investigação ontológica da pergunta pelo “ser” permanece após a virada, ocorrida em meados da década de 30. Isso pode ser notado quando Heidegger ao perguntar, de modo essencial, pelo

relação entre os termos alemães: “Ursprung”, “Herkunft” e “Wesen” que podem ser traduzidos respectivamente para a língua vernácula como origem⁸, proveniência e essência. Entendemos que a questão da origem remete à questão do “ser”, ou seja, o perguntar originariamente é relembrar a pergunta pelo “ser”.

Com isso, na análise da interface entre o “ser” e o ente a partir da quadratura buscaremos enfatizar que a reflexão heideggeriana tem os seguintes aspectos na tarefa do pensamento: *a)* apresentar a interface “ser” e ente de um modo originário, considerando a relação entre “Ursprung”, “Herkunft” e “Wesen” na repetição da pergunta pela verdade do “ser”, e *b)* ressaltar a compreensão de essência do ente em unidade da quadratura a partir da noção de “poesia” (*Dichtung*). Vimos que em “A origem da obra de arte”, o autor consagra a origem como essência. Desse modo, destacaremos que, a partir da virada, pode ser denominada de essência poética a essência do ente, especialmente, quando Heidegger enfatiza o ente em unidade na quadratura. Entendemos que o acontecimento originário do “ser” se dá poeticamente na história, demonstrando-se na quadratura.

Como observamos, destacou-se como um dos propósitos centrais da sua obra a partir da virada no seu pensamento o horizonte do poético em que se pergunta essencialmente pelo “ser” e pelo ente. Voltado para a necessidade de repetição da pergunta pelo “ser” desde a sua obra-prima “Ser e Tempo” (1927), Heidegger por meio de uma ontologia fundamental em que o “Dasein” delimita-se como ente hermenêutico, destaca que tão somente o “Dasein” pode perguntar a questão fundamental da filosofia: a pergunta pelo sentido do “ser”. O “Dasein” é caracterizado como pré-ontológico e ontológico e por isso ele seria, então, o único que poderia instaurar a pergunta pelo “ser”.

Conforme Heidegger assinala em “Ser e Tempo”:

Se a interpretação do sentido do ser é a tarefa a ser executada, o *Dasein* não é somente o ente a ser perguntando em primeiro lugar, é além disso o ente que já se comporta cada vez em seu ser *relativamente* àquilo de que se pergunta, o perguntando, nessa pergunta. Mas, nesse caso, a

“ser” pergunta em sua essência, em sua origem. O proceder investigativo de Heidegger permanece hermenêutico-fenomenológica para se perguntar originariamente na investigação ontológica acerca da questão do “ser” e mesmo do ente. Esse caminhar ontológico de Heidegger expressa-se, especificamente, após a virada enquanto o pensamento essencial que instaura a tarefa do pensamento: a pergunta pelo “ser”.
⁸ Heidegger apresenta o termo alemão “Ursprung” na obra “A origem da obra de arte” que fora traduzido para a língua portuguesa como “originário” no seguinte escrito: HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, no entanto, optamos por traduzi-lo para a língua vernácula como “origem”. Indicamos, assim, a obra: HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. Especificamente, a edição bilingue dessa editora mostra-se relevante também para uma análise comparativa de alguns termos alemães primordiais para Heidegger, como por exemplo, “Dichtung” e “Poesie”, ambos podendo ser traduzidos para a língua vernácula como “poesia”, mas que possuem as suas características interpretativas específicas na dimensão do pensamento de Heidegger.

questão-do-ser nada mais é do que a radicalização de uma tendência-de-ser em essência pertencente ao *Dasein* ele mesmo, isto é, a radicalização do pré-ontológico entendimento-do-ser⁹.

Em “Ser e Tempo” Heidegger diz acerca da possibilidade de se entender o “ser”:

Ela deixa manifesto que em cada comportamento ou em cada ser em relação a ente como ente *a priori* um enigma. Que já vivamos cada vez em um entendimento do ser e que o sentido de ser esteja ao mesmo tempo encoberto na obscuridade, demonstra a necessidade de princípio de que haja uma repetição da pergunta pelo sentido de ‘ser’¹⁰.

A interface entre o “ser” e o ente havia sido apresentada em “Ser e Tempo” mediante a analítica existencial do “Dasein” tendo como propósito fundamental pensar sobre a pergunta pelo “ser”. Especialmente, no segundo capítulo, Heidegger destacara no título do parágrafo cinco: “a analítica ontológica do Dasein põe em liberdade o horizonte para uma interpretação do sentido do ser em geral”, a ênfase na precedência ôntico-ontológica do Dasein¹¹.

Tal interface é compreendida dentro do âmbito da diferença ontológica que fora abordada segundo o viés hermenêutico e ontológico desde de “Ser e Tempo” na chamada “ontologia fundamental”, tendo com isso se inaugurado o que se pode denominar de caminho ontológico no pensamento de Heidegger. O que se delimita na filosofia heideggeriana por caminho “hermenêutico-fenomenológico” e assim vem a determinar a conjuntura da sua ontologia do “Dasein” na década de 20. Nessa perspectiva, o prosseguimento dos passos do pensador alemão a partir da virada no seu pensamento na década de 30, também seria caracterizado como um caminho de pensamento, quando Heidegger destaca que a sua busca filosófica se dá no âmbito de um pensamento cada vez mais essencial. Assim sendo, o pensamento que inaugura a repetição da pergunta pelo sentido do “ser” na década de 20 se demonstra na década de 30 como a urgência da tarefa do pensamento de se desvelar um pensamento cada vez mais essencial.

Da poesia (*Dichtung*) que, conforme a leitura heideggeriana, inaugurou-se o pensamento poético sobre o “ser”, evidencia-se ainda mais a tarefa do pensamento acerca da origem (*Ursprung*) ao qual o “Dasein” é participante: aquele ente hermenêutico,

⁹ HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p.67.

¹⁰ HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p.39.

¹¹ HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p.69.

somente ele é capaz de perguntar originariamente pelo “ser”, pois que ele tem a memória do “ser” e a ele corresponde em sua essência. Em “Ser e tempo” Heidegger já enfatizara: “pois tal perguntar se obriga ele mesmo a constantemente considerar a possibilidade de que um horizonte ainda mais originário e mais universal venha a se abrir”¹². A interface “ser” e ente a partir da virada vem a apresentar uma nova definição do “Dasein”, agora como poético, buscando com isso evidenciar, por outro lado, que a metafísica tradicional não pensa a questão do “ser” e nem a questão do ente em sua essência.

Toda a metafísica e a ciência estaria envolta no problema do esquecimento do “ser” que também é o problema do esquecimento do ente em sua entidade, fazendo ocultar-se, ao longo do tempo, a diferença ontológica entre o “ser” e o ente. Heidegger em “A origem da obra de arte” aponta para a interface entre o “ser” e o ente mediante a anunciação de que o modo de essenciação¹³ do “ser” na obra de arte dá-se poeticamente, em que está escrito que “a essência da arte é a poiesis”¹⁴. Levando isso em consideração entende-se que o acontecimento do “ser” em meio ao ente dá-se por meio da poesia. No horizonte da poesia e do pensamento se medita – graças ao pensamento que como ofício (*Handwerk*) é cada vez mais essencial – acerca da origem (*Ursprung*) para se perguntar sobre a questão do “ser” e também do ente à luz da questão do “ser”. Com isso se destaca a impossibilidade do pensamento científico e do pensamento da metafísica tradicional de se pensar a origem. Sobre a questão do pensamento, o filósofo Marco Werle também verifica no que concerne ao pensamento e poesia presente na obra de Heidegger após a virada, que

Depois dos textos do início dos anos 30, como A essência da verdade, Sobre a essência do fundamento e A doutrina da verdade de Platão, torna-se claro ao filósofo que a questão do ser já não poderia mais ser desenvolvida de acordo com um pensamento conceitual, que se ativesse apenas ao enunciado lógico. Assim, ele se viu na necessidade de dar um passo mais adiante, na direção de um encontro com a poesia, de modo que pudesse efetivamente transitar pelas regiões tortuosas e inusitadas do ser. Começa aí um diálogo que acompanhará Heidegger até o fim da vida [...].¹⁵

¹² HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p.99.

¹³ Destacamos o termo “essenciação” para indicar o acontecimento ou o desvelamento da verdade do “ser”. A essenciação poética da verdade do “ser” ou o desvelar da verdade do “ser” acontece no ente.

¹⁴ HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.191.

¹⁵ WERLE, Marco Aurélio. Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger. São Paulo: UNESP, 2005, pp.11-12

O passo inicial para se pensar a origem fora dado desde a sua obra-prima “Ser e Tempo”, em que Heidegger buscara instaurar a questão fundamental da filosofia: a questão do “ser”. Mas, especificamente, pela analítica existencial do “Dasein”, o filósofo buscara realizar a partir de um caminho hermenêutico-fenomenológico a destruição da história da metafísica. Conforme Heidegger aponta no parágrafo sexto de “Ser e tempo”, intitulado, “a tarefa de uma destruição da história da ontologia”:

Essa tarefa nós a entendemos como a *destruição* do conteúdo transmitido pela ontologia antiga, tarefa a ser levada a cabo pelo *fio-condutor da questão-do-ser* até chegar às experiências originárias em que se conquistaram as primeiras determinações do ser, as determinações diretoras a partir de então.¹⁶

Mais adiante, Heidegger ainda ressalta: “só no efetuar a destruição da tradição ontológica é que a questão-do-ser conquista sua verdadeira concretização”¹⁷. É importante ressaltar que o propósito de Heidegger ao exercer a dupla tarefa de destruição da história da filosofia é inaugurar a repetição da questão do “ser” na história, até então velada na metafísica. Defendemos que é de extrema relevância compreender que esse caminho de pensamento iniciado, especialmente, em “Ser e tempo” é um caminho que pode ser caracterizado como hermenêutico-fenomenológico. Vale mencionar uma passagem do escrito “A via do pensamento de Martin Heidegger” do filósofo Pöggeler: “a fenomenologia hermenêutica indaga pelo sentido do ser da existência para assim poder tornar de novo em questão o sentido do ser”¹⁸.

Ressaltamos que o caráter da repetição está presente em toda a filosofia de Heidegger desde “Ser e tempo”. Aliás, Heidegger empreende o passo de volta para repetir a questão do “ser” a fim de superar a metafísica tradicional pela ultrapassagem. É pelo passo de volta que Heidegger considera preponderante a pergunta pela verdade do “ser” mediante a essência da linguagem, porque somente a partir da essência da linguagem pode-se fazer a pergunta primordial em sua diferença ontológica e assim ultrapassar o esquecimento do “ser” consagrado na metafísica. Heidegger já em “Ser e tempo” bem

¹⁶ HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p.87.

¹⁷ HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p.99.

¹⁸ PÖGgeler, Otto. A via do pensamento de Martin Heidegger. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p.79.

explicitara: “(...) repetir a questão-do-ser significa elaborar de modo suficiente e de uma vez por todas o que é preciso para *fazer* a pergunta”¹⁹.

A tarefa do pensamento, conforme Heidegger, é recolocar a questão do “ser” de modo inaugural na história. Para tanto é necessário se voltar para a essência poética, pois somente a linguagem em sua essência poética poderia perguntar essencialmente. Visto que, o esquecimento do “ser” não somente havia velado a questão do “ser” na história da metafísica, mas, também a questão da entidade do ente, de fato. Desse modo, Heidegger defende que a repetição da questão do “ser” também aponta para a essência do ente, pois o não perguntar pela verdade do “ser” se caracteriza também como o não perguntar pela entidade do ente em verdade.

A tarefa do caminho se destaca, então, como um círculo, como Heidegger elucida em “A origem da obra de arte”:

assim precisamos percorrer efetiva e plenamente o círculo. Isto não é nem uma solução passageira nem é uma deficiência. A posição vigorosa é trilhar este caminho e permanecer nele a festa do pensar, posto que o pensar é um ofício. Não somente o passo principal da obra para a arte assim como o passo da arte para a obra é um círculo, mas cada passo isolado que tentamos dar circula neste círculo²⁰.

O “voltar às coisas mesmas” em Heidegger se demonstra no sentido ontológico de que no caminhar como círculo irrompe o perguntar pela verdade do “ser”. Entendemos que o próprio caminho em Heidegger é como círculo. Com a obra “Ser e tempo” iniciara-se de modo decisivo esse caminho para a questão do “ser”, que não rejeitara a metafísica, mas que buscara ultrapassá-la mediante a compreensão originária da interface entre “ser” e ente. Nesse sentido, assinala Pöggeler: “com a indagação por ser e tempo, Heidegger chegou à *sua* via para a verdade do ser. *Ser e tempo* é por isso pensado como um passo na via do pensamento de Heidegger”²¹. Sendo a obra “Ser e tempo” considerada como um passo no caminho de pensamento do pensador do “ser”, entendemos, com isso, que a partir da virada, ocorrida na década de 30, Heidegger ainda segue o caminho inaugurado em “Ser e tempo” buscando, então, pensar cada vez mais de modo essencial a busca ou a pergunta pela verdade do “ser” mediante a consideração da essência da linguagem: a “poesia” (*Dichtung*). É a partir do poeta dos poetas: Hölderlin, que Heidegger pensa a

¹⁹ HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p.39.

²⁰ HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel António de Castro. – São Paulo: Edições 70, 2010, p.39.

²¹ PÖGGELER, Otto. A via do pensamento de Martin Heidegger. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, p.181.

verdade do “ser” de modo essencial. Acerca disso pontua o filósofo Pöggeler: “o dizer poético de Hölderlin tornou-se em referência para um pensamento que busca experimentar a verdade do ser”²².

Nessa perspectiva, no primeiro aspecto da pesquisa de pós-doutorado que abordará sobre: o “ser” e o ente visto na unidade da quadratura em “A coisa” e escritos complementares, buscar-se-á definir no primeiro tópico o conceito de “ser” e o conceito de ente inicialmente em “Ser e tempo” (1927). Como obra-prima de Heidegger, a compreensão do termo “ser” e do termo “ente” presente em “Ser e tempo” repercute, em certa medida, no entendimento de Heidegger sobre a relação entre o “ser” e o ente na quadratura. Buscaremos inicialmente analisar e aclarar na primeira parte da pesquisa a importância de “Ser e tempo” para a compreensão da relação entre o “ser” e o ente a partir da quadratura no pensamento de Martin Heidegger²³. Após essa consideração, buscaremos analisar sobre o “ser” e o ente visto na unidade da quadratura. Buscaremos aclarar que a virada no pensamento de Heidegger demonstra-se como uma proximidade ainda maior do pensador alemão para a questão da “poesia” (*Dichtung*). Tal proximidade poética ocasionou na pergunta pela verdade do “ser” e também na pergunta pela verdade do ente levando em consideração a essência da linguagem, ou seja, a poesia. Com isso, Heidegger passa a apresentar a relação entre o “ser” e o ente sob a perspectiva ontológica poética, que amplia a noção de “ser” através da instauração da pergunta pela verdade do “ser” e também amplia a noção do ente, especialmente, aquele ente privilegiado que agora passa a ser compreendido como o ente que habita poeticamente. Assim sendo, a relação entre o “ser” e o ente dá-se poeticamente consagrando-se na reunião da quadratura (terra, céu, divinos e mortais). Em “Construir, habitar e pensar”, Heidegger afirma:

“Sobre essa terra” já diz, no entanto, “sob o céu”. Ambos supõem *conjuntamente* “permanecer diante dos deuses” e isso “em pertencendo à comunidade dos homens”. Os quatro: terra e céu, os divinos e os mortais, pertencem um ao outro numa unidade *originária*.²⁴

Desse modo, buscaremos destacar a obra “A origem da obra de arte” (1935-1936) para pensar essencialmente a relação entre o “ser” e o ente a partir da virada de Heidegger,

²² PÖGGELER, Otto. A via do pensamento de Martin Heidegger. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, p.207.

²³ A consideração da obra-prima “Ser e tempo” para o entendimento da noção de quadrature também fora reconhecida pelo pesquisador Charles Guignon, que afirma o seguinte: “the fundamental articulation of the world-fourfold is one that all speech and every natural language necessarily register and preserve just as, according to the Heidegger of Being and Time, discourse and thus language presupposed the structure of being-in-the-world”. Cf. GUIGNON, Charles. The Cambridge Companion to Heidegger. Edited by Charles Guignon. UK: Cambridge University Press, 1993, p.120.

²⁴ HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar e pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.129.

que se caracteriza primordialmente pelo seu voltar para o pensar essencial e poético para a pergunta pelo “ser”. O pensador alemão destaca no escrito “A origem da obra de arte” o seguinte: “estaremos mais próximos daquilo que é se pensarmos tudo inversamente (a), contanto que estejamos de antemão preparados para ver como tudo se volta para nós de um outro modo”²⁵. Esse outro modo de pensar a relação entre o “ser” e o ente se dá através do pensamento essencial ou olhar essencial que se demonstra na filosofia de Heidegger quando ele se volta para a verdade do “ser” mediante a essência da linguagem: a poesia (*Dichtung*).

Nesse sentido, demonstraremos que desde a década de 30, especialmente, no escrito “A origem da obra de arte”, Heidegger já via a relação do “ser” e do ente na quadratura. Isto se demonstra, de modo especial, no exemplo da obra-templo em que se demonstra a unidade na diferença entre a terra, mundo, homens e deuses. A obra está em unidade com o deus, como Heidegger acentua: “(...) uma obra que deixa o próprio deus se presentificar e, assim, o deus propriamente *é*”.²⁶ Buscaremos ressaltar que a instalação (*Aufstellung*) da obra de arte demonstra a reunião da quadratura. A partir da compreensão da instalação da obra como a instalação do mundo, se propõe destacar que a quadratura tem o sentido de consagrar e glorificar. Como Heidegger pontua: “ser-obra significa instalar um mundo”²⁷. Em “A origem da obra de arte” Heidegger já pontua o conceito de mundo como reunião. Dessa maneira, será necessário destacarmos o sentido etimológico de quadratura (*Geviert*): terra, céu, divinos e mortais, destacando inicialmente, que embora o termo não apareça em “A origem da obra de arte” já se podia ver as características da relação do “ser” e do ente visto em unidade na quadratura neste escrito a partir das noções de instalação (*Aufstellung*), mundo (*Welt*) e amplidão (*Geräumigkeit*) e, sobretudo, a partir da compreensão do desvelar poético da verdade como disputa entre terra e mundo na obra. Em seguida, pontuaremos, o sentido da quadratura no escrito “A coisa”, “A linguagem” e escritos complementares, observando a relação entre o “ser” e o ente visto na unidade da quadratura.

Nessa perspectiva, no contexto do esquecimento da verdade do “ser” presente na história do pensamento ocidental, Heidegger ao inaugurar a necessidade da pergunta

²⁵ HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel António de Castro. – São Paulo: Edições 70, 2010, p.105.

²⁶ HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel António de Castro. – São Paulo: Edições 70, 2010, pp.105-107.

²⁷ HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel António de Castro. – São Paulo: Edições 70, 2010, p.109

fundamental – a pergunta pelo sentido do “ser” – com a analítica existencial do “Dasein” em “Ser e tempo”, buscará a partir da década de 30, destacar que o “Dasein” enquanto “ser-para-a-morte” habita poeticamente em unidade na quadratura: terra, céu, divinos e mortais. Desse modo, buscaremos enfatizar que a dimensão do poético alcança todo ente, especialmente, o “Dasein” no horizonte do poético. Todo ente em sua essência está na unidade com os quatro, inclusive, o “Dasein”. Assim, buscaremos esclarecer que a existência passa a apresentar para Heidegger, a definição de poética em unidade com a terra, o céu e o divino. A própria noção do “Dasein” é ampliada sendo apresentada como habitar poético e, também como ser-para-a-palavra sob a influência preponderante de Hölderlin. O “Dasein”, por exemplo, continua sendo compreendido como pré-ontológico e ontológico, sendo este o único ente privilegiado que pode perguntar pela questão do “ser”, pois em sua essência há a correspondência com o “ser”.

Assim sendo, no segundo aspecto da pesquisa que tratará basicamente sobre: O “Dasein” entendido na unidade da quadratura e determinado como projeto existencial poético em “Hölderlin e a essência da poesia” e “Poeticamente o homem habita” e outras obras relevantes, se destacará que o “Dasein” é entendido na unidade da quadratura e determinado como projeto existencial poético. Se buscará apresentar a questão: como o “Dasein” é apresentado como um dos quatro? Nesse momento, se destacará que desde “Ser e tempo” (1927), o “Dasein” é considerado como mortal, ao ser definido como “ser-para-a-morte”. Assim como, se enfatizará o “Dasein” como mortal, especificamente, na dimensão da quadratura. Com isso buscamos ressaltar que o “Dasein” como “guardião do ser” e como o ente privilegiado, o único ente que é “ser-para-a-morte”, isto é, tem consciência da morte, é o ente que se encontra em abertura para a relação com o “ser” e com os demais entes, especialmente, quando ele habita poeticamente. O “Dasein” em sua essência: habitando poeticamente, é projeto existencial poético que se apresenta como guardião da verdade do “ser”, escutando o apelo do “ser” na essência da linguagem, e estando em unidade com os outros quatro. Ao fazer isso: habitar poeticamente, o “Dasein” resguarda a essência dos entes, ao se reconhecer como mortal e como poético em unidade na quadratura.

Por fim, no terceiro aspecto da pesquisa: o “ser” e o ente em unidade na quadratura é entendido no âmbito da interface entre o ontológico, o poético e a existência, se destacará que a relação do “ser” e do ente visto na unidade da quadratura é analisada por Heidegger levando em consideração o ontológico, o poético e a própria existência. Buscaremos, então, esclarecer, cada um desses quatro que compõe em unidade a

quadratura: terra, céu, divinos e mortais, enfatizando que Heidegger desenvolve essa compreensão poética do ente a partir de uma perspectiva ontológica poética, que não se restringe ao viés da analítica existencial, mas que abrange os acontecimentos do “ser” em sua essência na história.

Tal é, nesse viés, o propósito desta pesquisa justifica-se por: apresentar de modo minucioso e sob a forma de investigação dos escritos heideggerianos, como esta interface do “ser” em geral e do ente, a partir da virada, na quadratura, pode ser compreendida como aspecto principal da pergunta pelo “ser” empreendida por Heidegger em sua fase a partir da virada, elucidando desse modo, os seis escritos fundamentais acerca disto, tais como: “Sobre a essência da verdade”, “A origem da obra de arte”, “Hölderlin e a essência da poesia”, “A coisa”, “Construir, habitar e pensar” e “Poeticamente o homem habita”. A importância e os traços característicos de cada escrito impõe-se que se realize uma análise cuidadosa sobre cada um, o que torna necessidade nesta pesquisa de um modo de tratamento hermenêutico sobre a temática.

O Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo se destaca enquanto um lugar de formação de excelência no que concerne também as investigações acerca das questões da ontologia, estética e filosofia da arte no campo das ciências humanas, se demonstra também como um relevante espaço de debates e análises acerca do pensamento de Martin Heidegger. Outro aspecto a se destacar é que este projeto de pós-doutorado proposto se manifesta como o prosseguir das minhas pesquisas realizadas desde o mestrado e no doutorado no horizonte da fenomenologia e da ontologia no pensamento de Jürgen Moltmann e Martin Buber (no mestrado) e de Martin Heidegger (no doutorado). Com isso, tal projeto se mostra como continuidade sobre a pesquisa do pensamento ontológico de Martin Heidegger, ressaltando também o aprofundamento da linha de pesquisa que venho trabalhando nos últimos 10 anos, buscando, nesse projeto a ênfase na interface “ser” e ente no horizonte poético do pensamento heideggeriano, tendo em vista, a relevância das obras a serem aqui analisadas. Dessa maneira, elegemos investigar a interface “ser” e ente na quadratura considerando, especialmente, a fase a partir da virada no pensamento de Heidegger, mas, não deixando de entender a relevância de “Ser e Tempo” como passo inicial no caminho de pensamento de Heidegger. Tal escolha não se sucede somente pelo fato da importância da interface “ser” e tempo para os debates aclarados na via do pensamento de Heidegger, mas também com o viés de prosseguir nas minhas pesquisas acerca da dimensão do pensamento de Heidegger.

III. OBJETIVOS

Tendo em consideração que esta proposta de pesquisa aqui apresentada terá como ponto de partida as obras reconhecidas como mais relevantes que se referem a relação entre o “ser” e o ente na quadratura, enfatizada, especialmente, a partir da virada no caminho de pensamento de Martin Heidegger, com o propósito de se elaborar uma investigação e uma interpretação hermenêutico-fenomenológica busca-se enfatizar os objetivos da pesquisa:

a) OBJETIVO GERAL: Analisar a partir da virada no pensamento de Martin Heidegger a interface entre o “ser” e o ente na quadratura (terra, céu, divinos e mortais). Considerando, especialmente, aquele ente reconhecido como o ente hermenêutico, denominado por Heidegger como “Dasein”, levando em consideração o viés hermenêutico-fenomenológico presente em toda a filosofia de Heidegger. A interface “ser” e ente apresentada pelo filósofo em seus escritos a partir da década de trinta – enfatizada como o momento da virada no pensamento heideggeriano - demonstra, de modo especial, a compreensão da diferença ontológica entre o “ser” e o ente, tanto no sentido específico de anunciar o “Dasein” como o guardião do “ser”, quanto no sentido mais amplo de pontuar a relação entre o “ser” o ente em sua unidade e diferença ontológica naquilo que Heidegger denomina como quadratura (*Geviert*): terra, céu, divinos e mortais. A meditação acerca do “ser” e do ente e a sua diferença ontológica, especialmente, é o que constitui a repetição da pergunta primordial da filosofia como a “questão do ser” (*Seinsfrage*). Tal repetição a partir da virada no caminho de pensamento do filósofo do “ser” tem como base o horizonte poético que se volta para a essência. A linguagem em sua essência motivaria o pensamento de Heidegger para um pensar cada vez mais essencial que consagraria a diferença ontológica na unidade dos quatro: terra, céu, divinos e mortais, conforme se destaca a partir dos escritos “A linguagem”, “A coisa” e “Poeticamente o homem habita”. A esta interface entre “ser” e ente, enfatiza-se a tarefa de pensá-la em sua essência, como se indica em “A origem da obra de arte”, o que caracteriza uma crítica a representação metafísica tradicional e o problema do esquecimento do “ser”, que será analisada em seus aspectos principais em “Que é metafísica?”, “Sobre a essência da verdade”, “Hölderlin e a essência da poesia”, “A superação da metafísica” e “Hinos de Hölderlin”.

b) OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1) Destacar a noção de “ser” e ente a partir da quadratura considerando a análise da essência poética da verdade no ente. Tal ênfase baseia-se na compreensão da relação

fundamental entre a verdade, a “Poesia” (*Dichtung*) e a quadratura (*Geviert*). Com isso visa-se apresentar e aclarar, em primeiro lugar, a essência poética da verdade que dá-se no ente em sua unidade poética. Nesse sentido, visa-se aclarar que a essência do ente dá-se como unidade dos quatro: terra, céu, divinos e mortais. Defendemos que é a partir de uma perspectiva ontológica poética que Heidegger desenvolve a noção de essência da verdade no ente como unidade dos quatro. Nesse sentido, buscamos destacar que a noção de quadratura em Heidegger tem o propósito também de superar a concepção metafísica tradicional do ente enquanto objeto e, também, sobretudo, da análise restritiva da entidade do ente que não pergunta essencialmente pelo ente à luz da verdade do “ser”. O caminho ontológico de Heidegger perpassa a história da metafísica tradicional e busca superá-la com a repetição da pergunta pelo sentido do “ser”, levando em consideração, especialmente, a interface entre verdade e “poiesis”. É através dessa interface que Heidegger defende que a não pergunta pelo sentido do “ser” é também a não pergunta essencial pelo ente. Somente se pode pensar sobre o ente em sua diferença ontológica à luz da pergunta fundamental da filosofia: a pergunta pela verdade do “ser”. Nesse contexto, especialmente, a partir da década de 30, Heidegger irá apresentar a noção do “ser” e do ente no horizonte da perspectiva ontológica poética, o que propiciará o entendimento do ente como quadratura;

- 2) Enfatizar e aclarar que a questão da origem é fundamental para se compreender a essência poética que se revela na quadratura (*Geviert*): terra, céu, divinos e mortais;
- 3) Esclarecer como Heidegger relaciona a noção de ente com a noção de quadratura;
- 4) Esclarecer que a compreensão ontológica do ente como unidade na quadratura é apresentada a partir da noção da “poesia”, que tem influência nas poesias de Hölderlin, enquanto o poeta dos poetas segundo Heidegger;
- 5) Enfatizar que entender o caminho de Heidegger como caminho hermenêutico-fenomenológico desde a sua obra “Ser e Tempo” é fundamental para se compreender como ele estabelece a interface entre “ser” e ente em sua diferença ontológica;
- 6) Destacar que a noção de quadratura já se apresenta no entendimento da verdade como disputa originária entre terra e mundo no ente, tendo como o exemplo a obra de arte.
- 7) Apresentar que a noção de disputa (*Streit*) no pensamento de Heidegger a partir da virada, presente, especialmente, nos escritos “A origem da obra de arte” e “Ser e verdade” é determinante para entender o acontecimento poético do “ser” na unidade da quadratura.

IV. PLANO DE PESQUISA E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

A pesquisa tem o propósito de ser realizada por um período de três anos. Se apresentarão artigos anuais buscando enfatizar os resultados desta pesquisa. No término da realização da pesquisa, se apresentará os três aspectos da pesquisa na forma de três capítulos e se obterá cerca de 3 artigos com o objetivo de publicação. No primeiro ano se fará a releitura de “Ser e tempo”, reconhecido como o passo inicial sobre a pergunta pelo “ser” no caminho de pensamento em Heidegger e, então, se voltará para a obra “Sobre a essência da verdade” e de algumas obras relevantes acerca, especialmente, do momento da virada do pensamento de Heidegger, bem como, se realizará uma releitura de “A origem da obra de arte”, “A linguagem”, “A coisa”, “Construir, habitar e pensar” e de escritos complementares do próprio filósofo e de comentadores sobre a temática em questão. Assim sendo, o primeiro capítulo intitulado: “‘Ser’ e ente”, se destacarão os seguintes tópicos: 1.1. “Ser” e ente segundo a ontologia fundamental; 1.1.1. “Ser” e “Dasein”; 1.2. “Ser” e o ente a partir da virada e; 1.2.1. “Ser” e o ente visto na unidade da quadratura, se buscará enfatizar acerca do que Heidegger compreende como a relação entre o “ser” e o ente visto na unidade da quadratura, considerando também a diferença ontológica entre o “ser” e o ente inaugurada em “Ser e tempo” e como se dá essa relação entre o “ser” e o ente na unidade dos quatro: terra, céu, divinos e mortais no contexto da virada ocorrida no pensamento heideggeriano na década de 30. No segundo ano temos o propósito de realizar a análise de “A origem da obra de arte”, “Hölderlin e a essência da poesia”, “Poeticamente o homem habita” de Heidegger, assim como de escritos de comentadores sobre a temática. Buscaremos elaborar um capítulo intitulado: “‘Dasein’ e quadratura”, contendo os seguintes tópicos: 2.1. “Dasein” e a unidade da quadratura e 2.2. “Dasein” como projeto existencial poético. Abordaremos acerca do “Dasein” enquanto um dos quatro (terra, céu, divinos e mortais), enfatizando sobre a sua compreensão de “mortal” como projeto existencial poético no pensamento de Heidegger. Temos também o propósito de realizar, sendo possível, um intercâmbio no pós-doutorado em filosofia na Universidade de Sevilha na Espanha, em que já recebemos uma carta convite para o intercâmbio. O objetivo é estar buscando participar durante um semestre – no semestre de verão de 2022 – do grupo de pesquisa específico sobre a filosofia de Martin Heidegger e participar de eventos sobre o pensamento de Heidegger. No terceiro ano considerando as obras supramencionadas e refletindo sobre o sentido no pensamento de Heidegger do que seja a “quadratura”, apresentaremos o terceiro capítulo da pesquisa intitulado: “O ontológico, o poético e a existência”, em que se ressaltará que o “ser” e o ente na

quadratura é compreendido no contexto da interface entre o ontológico, o poético e a existência.

IV. METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta-se enquanto uma investigação crítica de alguns dos principais escritos apresentados a partir da “virada” no pensamento de Martin Heidegger acerca da relação entre o “ser” e o ente, especificamente, a partir da quadratura. Dessa maneira, a metodologia demonstra-se, especialmente, na análise dos seguintes escritos heideggerianos: a obra-prima “Ser e Tempo” (1927) e os escritos “Sobre a essência da verdade” (1933/34), “A origem da obra de arte” (1935-36), “Hölderlin e a essência da poesia” (1934), “Que é uma coisa? Doutrina de Kant dos princípios transcendentais (1935), “A linguagem” (1950), “A coisa” (1951), “Construir, habitar e pensar” (1951) e “Poeticamente o homem habita” (1951). Buscamos, assim, apresentar uma abordagem interpretativa crítica de tais obras acerca dos aspectos basilares que fundamentam a relação entre o “ser” e o ente na quadratura. Tal pesquisa seguirá um viés hermenêutico e fenomenológico de investigação também do material bibliográfico relevante de comentadores da obra heideggeriana; de análise de entrevistas, conferências e seminários de Martin Heidegger; assim como da análise de obras consideradas renomadas de especialistas que destaca o momento a partir da virada na filosofia do pensador alemão. Tendo como ponto de partida um caminho investigativo, a pesquisa apresentar-se-á na forma de apresentação de três capítulos e três artigos para a publicação em periódicos específicos.

V. BIBLIOGRAFIA

DALLMAYR, Fred. *The Other Heidegger*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1993.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Trad. Flávio Meurer. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Los caminos de Heidegger*. Barcelona: Herder, 2002.

GUIGNON, Charles. “The History of Being”. In: DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark. *A companion to Heidegger*. Oxford: Blackwell, 2005.

GUIGNON, Charles. *The Cambridge Companion to Heidegger*. Edited by Charles Guignon. UK: Cambridge University Press, 1993.

HAAR, Michel. A Obra de arte: ensaios sobre a ontologia das obras. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

HEIDEGGER, Martin. Hinos de Hölderlin. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004.

_____. Conferências e Escritos Filosóficos. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____. O acontecimento apropriativo. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Alemanha: Vittorio Klostermann, 2013.

_____. “Ontologie: Hermeneutik der Faktizität”. In: HEIDEGGER, Martin. Gesamtausgabe, Band 63. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995.

_____. Marcas do caminho. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. A origem da obra de arte. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

_____. O Meu Caminho na Fenomenologia. Tradutor: Ana Falcato. Universidade da Beira Interior Covilhã: Lusosofia: press, 2009.

_____. Ensaios e Conferências. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. Ser e Tempo. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

_____. As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”). Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

_____. “A coisa”. In: HEIDEGGER, Martin. Ensaios e Conferências. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. “Construir, habitar e pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. Ensaios e Conferências. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. “Sobre a essência do fundamento”. In: HEIDEGGER, Martin. Conferências e Escritos Filosóficos. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____. Ser e Verdade. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Über den Anfang. Band 70. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2005.

_____. A caminho da linguagem. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. “Sobre a essência da verdade”. In: HEIDEGGER, Martin. Conferências e Escritos Filosóficos. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. Arte y poesía. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958.

_____. La historia del ser. Traducción. Dina V. Picotti C. 1a. Ed. Buenos Aires: El Hilo de Ariadna: Biblioteca Internacional Martin Heidegger, 2011.

_____. Introdução à metafísica. 4. ed. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

_____. “Poeticamente o homem habita”. In: HEIDEGGER, Martin. Ensaios e Conferências. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. Parmênides. Tradução Sérgio Mário Wrublevski; revisão da tradução, Renato Kirchner, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

_____. Beiträge zur Philosophie. (Vom Ereignis), Band 65. Frankfurt am Main, DE: Vittorio Klostermann, 1989.

_____. Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder “Sobre a origem da linguagem”; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. El concepto de tiempo. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008.

_____. Que é uma coisa?. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. Meditação. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. El arte y el espacio. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009.

_____. “A linguagem”. In: HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. *Qué significa pensar?*. Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2005.

_____. *Sendas perdidas: Holzwege*. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969.

_____. *A questão da técnica*. In: *scientiae studia*, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.

_____. “Die Zeit des Weltbildes”. In: HEIDEGGER, Martin. *Holzwege*. 8.ed. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.

HERMANN, Friedrich-Wilhelm von. *Il concetto di fenomenologia in Heidegger e Husserl*. Traduzioni di Renato Cristin. Genova-Via Brigata: il melangelo, 1997.

_____. *Heideggers Philosophie der Kunst*, Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1980.

_____. *Wege ins Ereignis: zu Heideggers „Beiträgen zur Philosophie“*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1994.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Tradução: Luísa Buarque de Holanda. Revisão técnica: Márcia Sá Cavalcante Schuback. – Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editor, 2002.

MICHELAZZO, José Carlos. *Do um como princípio ao dois como unidade. Heidegger e a reconstrução ontológica do real*. São Paulo: FAPESP/Anna Blume, 1999.

NUNES, Benedito. *Passagem para o poético: Filosofia e poesia em Heidegger*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

_____. (Org). *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

PEROTTI, James. *Heidegger on the Divine. The Thinker, the Poet and God*. Ohio: Ohio University Press, 1974.

PÖGGELER, Otto. “Heidegger and the God of Hölderlin”. In: *Research in Phenomenology* 19, 1989.

_____. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Tradução de Jorge Telles de Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger: um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal*. Trad. Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

STEIN, Ernildo. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

WERLE, Marco Aurélio. *Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger*. São Paulo: UNESP, 2005.